

LEITURA E NEGOCIAÇÃO DE EFEITOS DE SENTIDO NA ENCENAÇÃO DISCURSIVA RELIGIOSA

Jarbas Vargas Nascimento

Doutor em Letras (Semiótica e Linguística Geral) pela Universidade de São Paulo (USP); Mestre em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); Bacharel e Licenciado em Filosofia pela Faculdade Nossa Senhora Medianeira – SP.

Judson de Carvalho Vieira

Mestrando em Administração pela PUC-SP, Bacharel em Economia pela PUC-SP.

RESUMO

Este artigo tem como tema uma leitura do discurso religioso católico, considerando a cenografia que movimenta o gênero de discurso sermão, proferido durante o rito sacramental. Nosso objetivo é propor uma leitura do discurso religioso, identificando a forma como o enunciador constrói uma cenografia, cujos recursos linguístico-discursivos conferem eficácia a seus enunciados. O aporte teórico-metodológico que fundamenta nosso estudo é da Análise do Discurso de linha francesa (AD), nas perspectivas enunciativo-discursivas propostas por Maingueneau (2000, 2002, 2008). Selecionamos como *corpus* um sermão proferido oralmente pelo Padre Antonio Geraldo Della Costa, sacerdote gaúcho da Congregação dos missionários de São Carlos, durante a missa de Páscoa, no dia 31 de março de 2013 e postado no dia seguinte em *Liturgia Diária Comentada*, blog católico de reflexões sobre a liturgia diária. Partimos da constatação de que os discursos sobre manifestações de religiosidade devam se beneficiar das pesquisas linguísticas, para acionar a produção de efeitos de sentido materializados em textos desse campo discursivo. A análise evidenciou que o teológico e o religioso dialogam na cenografia e garantem unidade ao discurso, estabilizando-o em um acordo tácito, referendado no/pelo enunciado *assim seja*, celebrado e firmado no sermão. Por isso, o evento bíblico e o dito no sermão se sustentam reciprocamente como verdade e instauram um crer-dever-fazer.

ABSTRACT

This article is about the reading of catholic religious discourse, considering the scenography that moves the sermon discourse genre, pronounced during the sacramental rite. Our purpose is offering a reading of religious discourse, identifying the mode of how the enunciator build the scenography, whose linguistic-discursive resources gives effectiveness to his statements. The theoretical-methodological contribution that grounds our study is the French line discourse analysis, in enunciative-discursive perspectives proposal by Maingueneau (2000, 2002, 2008). We selected the sermon corpus orally read by the Priest Antonio Geraldo Della Costa, priest of the missionary congregation of São Carlos, during the easter mass, on march 31, 2013, and posted the following day at the “Liturgia Diária Comentada”, a catholic blog with reflections about daily liturgy. We started from the findings that the discourses about manifestations of religiosity should benefit from linguistic research to trigger the production of sense effects materialized in texts from this discursive field. The analysis evidenced that the theological and the religious dialogue in the scenography and guarantee unity to discourses, stabilizing him in a unspoken agreement, endorsed in/by the statement so be it, celebrated and signed in the sermon. Therefore, the biblical event and the saying in the sermon are mutually supportive as truth and establish a believe - to owe - do.

Keywords: discourse analysis, scenography, sermon, reading

Neste artigo propomos uma leitura do discurso religioso católico com especial atenção à dupla cenografia que ocorre no gênero de discurso sermão, proferido no rito sacramental. Partimos da constatação de que os discursos sobre manifestações de religiosidade devam se beneficiar das pesquisas linguísticas, para acionar a produção de efeitos de sentido materializados em textos desse campo discursivo. Nas últimas décadas, a emergência de novas igrejas e os estudos delas e de suas expressões de fé têm evoluído muito, principalmente pela interdisciplinaridade que opera com diferentes campos do conhecimento de modo particular, com as vertentes linguísticas mais estabilizadas e validadas na academia.

Nosso objetivo é propor uma leitura do discurso religioso católico, procurando mostrar a forma como o enunciador constrói a cenografia no gênero de discurso sermão, proferido no rito sacramental, cujos recursos linguístico-discursivos conferem eficácia a seus enunciados. Buscamos, também, contribuir com as discussões que abordam a leitura como uma negociação de efeitos de sentido, enfocando as regras de organização do gênero de discurso sermão que, por meio de uma dupla encenação - ritualizada e social – legitima as formações discursivas da Religião católica, na enunciação. A partir da hipótese do primado do interdiscurso, ou seja, de que o interdiscurso precede o discurso (Maingueneau, 2008), queremos mostrar como o enunciador se apropria da constituição do discurso teológico para organizar o espaço de interlocução, onde transitam estratégias de tomada da palavra.

No que se refere aos procedimentos metodológicos adotado, nosso percurso se organiza em dois momentos: em primeiro lugar, apresentamos as condições sócio-históricas de produção do discurso que selecionamos, considerando sua situação retextualizada, a forma como o rito sacramental, por meio de gestos simbólicos, faz presentificar o divino e o secular, resultando na condição religiosa do discurso, que se configura, *in essentia*, por meio do interdiscurso teológico; em seguida, apresentamos as noções de interdiscurso e cenografia que retiramos de Maingueneau (2008). Para ele,

a cenografia funciona como uma estratégia de envolvimento discursivo entre o enunciador e o co-enunciador; por fim, analisamos um sermão, que apreendemos como discurso religioso, considerando sua condição genérica, a interdiscursividade e a dupla cenografia que molda a organização do discurso.

O sermão selecionado para a análise foi proferido oralmente pelo Padre Antonio Geraldo Della Costa, sacerdote gaúcho da Congregação dos missionários de São Carlos, durante a missa de Páscoa, no dia 31 de março de 2013 e postado no dia seguinte em ***Liturgia Diária Comentada***, *blog* católico de reflexões sobre a liturgia diária, disponível na internet. Esse discurso foi retextualizado e disponibilizado em <https://liturgiadiariacomentada2.blogspot.com.br/2013/03/a-vida-venceu-morte-pe-antonio.html>. Por isso, em nosso trajeto de leitura, ao mesmo tempo em que apreendemos o discurso em situação ritualizada, mas sabemos que, concomitantemente, podemos apreendê-lo por meio na mídia, cuja situação enunciativa nos possibilitaria negociar outros efeitos de sentido. Compreender esse discurso religioso em sua condição midiaticizada configuraria uma nova condição de sua produção e circulação (Poster, 1996, 2000), ressignificando o campo discursivo da religiosidade o que mereceria do analista de discurso um procedimento investigativo diferente daquele que faremos de ora em diante. O que nos motiva, nesse momento, é proceder à leitura desse discurso religioso inserido no rito sacramental, onde ele se torna legitimado e potencializado como expressão de credibilidade da religiosidade católica.

Resta-nos acrescentar que o fato de este discurso encontrar-se no *blog* permite que os fiéis ou outras pessoas interessadas consultem-no várias vezes, em ocasiões diversas como meio de doutrinação e de fidelização institucional. As Igrejas, de modo geral, vêm recorrendo aos meios de comunicação digital como um espaço eficiente de evangelização. Até mesmo na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* do Papa Paulo VI (1975) sobre a evangelização no mundo, já se anunciava a necessidade de utilização da mídia para a propagação da fé, como podemos observar no artigo 45 desse Documento.

No nosso século tão marcado pelos "mass media" ou meios de comunicação social, o primeiro anúncio, a

catequese ou o aprofundamento ulterior da fé, não podem deixar de se servir destes meios conforme já tivemos ocasião de acentuar.

Postos ao serviço do Evangelho, tais meios são susceptíveis de ampliar, quase até ao infinito, o campo para poder ser ouvida a Palavra de Deus e fazem com que a Boa Nova chegue a milhões de pessoas. A Igreja viria a sentir-se culpável diante do seu Senhor, se ela não lançasse mão destes meios potentes que a inteligência humana torna cada dia mais aperfeiçoados. É servindo-se deles que ela "proclama sobre os telhados", (72) a mensagem de que é depositária. Neles encontra uma versão moderna e eficaz do púlpito. Graças a eles consegue falar às multidões.

Entretanto, o uso dos meios de comunicação social para a evangelização comporta uma exigência a ser atendida: é que a mensagem evangélica, através deles, deverá chegar sim às multidões de homens, mas com a capacidade de penetrar na consciência de cada um desses homens, de se depositar nos corações de cada um deles, como se cada um fosse de fato o único, com tudo aquilo que tem de mais singular e pessoal, a atingir com tal mensagem e do qual obter para esta uma adesão, um compromisso realmente pessoal.

Não mencionar a adesão da Religião à mídia seria ignorar a invasão da comunicação de massa e os meios seculares de sua utilização na evangelização de milhares de pessoas. Na atualidade, a mídia dá visibilidade e credibilidade àquilo que ela expõe e, por isso, as igrejas vêm usufruindo desses meios de comunicação para legitimar seus posicionamentos. Nesse sentido, considerando o ponto de vista teórico-metodológico que assumimos, a leitura do discurso religioso no ritual e no *blog* produz efeitos de sentido diferentes, pois que o fato de eles estarem em condições espaço-temporais diferenciadas, seus enunciados se abrem a efeitos de sentido específicos decorrentes da ambiência do ritual e do suporte midiático, conforme acenamos anteriormente.

É bom lembrar, também, que, em relação à retextualização, na literatura linguística, há várias e conflitantes abordagens a respeito desta noção. No entanto, para os objetivos deste capítulo, recorreremos aos estudos de Marcuschi (2001) e tomamo-la aqui como o processo que transforma em modalidade escrita os enunciados proferidos pelo sacerdote na modalidade oral, durante o rito sacramental. Trata-se do refazimento e reescrita do sermão oralizado para a modalidade escrita, *processo que envolve*

operações que evidenciam o funcionamento social da linguagem, conforme afirma Dell'Isola (2007:10). Esclarecemos, ainda, que o que garante a cientificidade do exame do discurso religioso retextualizado é que, para qualquer discurso, em qualquer condição de sua produção e pela própria circunstância de ser um enunciado linguístico, pressupõe-se a ação da memória e do interdiscurso como constitutivos da exterioridade que torna esse discurso legítimo.

As condições sócio-históricas de produção do discurso consideram que ele fora proferido no domingo de Páscoa, centro do Ano Litúrgico e de toda a Vida da Igreja. A Páscoa é uma grande festa cristã em que a Igreja celebra a ressurreição de Jesus Cristo, sua vitória sobre a morte e sua passagem transformadora na vida dos cristãos. O evento discursivo registrado em João 20 se repete constantemente na vida da Igreja e está reatualizado no sermão que analisamos. Antes de examiná-lo, apresentamos alguns pontos teóricos que nos ajudarão a negociar efeitos de sentido de religiosidade como tributo à memória da páscoa.

A AD fundamenta nossas reflexões pelas motivações acima enunciadas. Tal opção teórico-metodológica se justifica, ainda, pois tomamos essa disciplina em uma perspectiva enunciativo-discursiva, conforme Maingueneau (2015), que postula o discurso no entrecruzamento da prática languageira e o lugar social. Em adição a esse postulado, o autor esclarece que o discurso é uma forma de ação, é interativo, contextualizado, pressupõe a relação entre sujeitos e instâncias enunciativas e implica o lugar social e o discursivo, como espaços em que os sujeitos se inscrevem para enunciar. Por isso, para Maingueneau, o discurso, tomado em um interdiscurso, é uma prática linguística, comunicacional e de conhecimento em que os sentidos se constroem socialmente. Por particularizar essa concepção de discurso, a abordagem proposta por Maingueneau faz com que a AD se distancie de outras disciplinas que também assumem o discurso como objeto de estudo.

Já a respeito do primado do interdiscurso, Maingueneau (2008a) postula sua hipótese, a partir da noção de heterogeneidade mostrada e constitutiva apresentada anteriormente por Authier-Révuz (2004). Desse modo, o autor propõe o interdiscurso como o lugar de origem de todo e qualquer discurso, pois que todo discurso se constitui como produto do interdiscurso, ou seja, com base no cruzamento entre outros discursos. Logo, o discurso religioso se constitui como porta-voz do discurso teológico,

que segundo Nascimento (2020) *é constituinte* e partilha de determinadas propriedades quanto às suas condições de emergência, de funcionamento e circulação. Para dar conta da noção de interdiscurso e buscando tornar clara essa categoria primordial, Maingueneau (2010) apresenta um quadro metodológico que operacionaliza a noção de interdiscurso, substituindo-o por universo discursivo, campo discursivo e espaço discursivo.

Por universo discursivo, Maingueneau (2008a) assegura tratar-se de um conjunto de formações discursivas de todos os tipos, um todo caótico de pouca utilidade para o analista. No interior de um universo discursivo, o analista tem acesso ao campo discursivo, ou seja, a *um conjunto de formações discursivas, que se encontram em concorrência, se delimitam reciprocamente*. (MAINGUENEAU, 2008b, p.34). Para completar a tríade, Maingueneau define espaço discursivo como *subconjuntos de formações discursivas*, mais delimitado que o campo discursivo, pois que é nesse espaço que ocorre a atividade do analista. Nesse sentido, entende-se por *interdiscurso o conjunto das unidades discursivas com as quais um discurso particular entra em relação implícita ou explícita* (MAINGUENEAU; CHARAUDEAU, 2004, p. 286). De fato, a categoria de interdiscurso é que me possibilita relacionar, por exemplo, a memória social ao conteúdo do sermão. Além disso, ele operacionaliza enunciados já ditos, que se reatualizam no funcionamento discursivo do sermão, abrindo-os para novos efeitos de sentido. Com isso, o sermão selecionado ganha identidade, no momento em que operacionaliza o discurso constituinte teológico, conforme veremos mais à frente.

Interessa-nos dizer, também, que o discurso se constitui pela construção de uma cena imposta no enunciado. De modo conciso, podemos dizer que isso implica que a enunciação mobiliza o funcionamento do discurso, instaurando a subjetividade da linguagem. Neste sentido, a categoria de cenas de enunciação (MAINGUENEAU 1997; 2008) enquadra um evento enunciativo em três dimensões distintas denominadas cena englobante, cena genérica e cenografia. Estas dimensões permitem a apreensão do gênero de discurso sermão em seu funcionamento social, em sua manifestação como ritual sociolinguageiro e, a partir dos lugares instituídos pelo próprio discurso religioso em sua cenografia. Em Maingueneau (2006, p. 251), a cena englobante *corresponde ao que se costuma entender por tipo de discurso*. A cena genérica refere-se ao gênero de discurso e, vinculada à cena englobante, juntas definem o quadro cênico do texto.

Afirma, também, Maingueneau (2008) que a noção de cena de enunciação faz com que o discurso se organize em um espaço que, ao mesmo tempo, é instituído pelo gênero de discurso e pelo próprio discurso. Deste modo, o gênero é a instituição de fala que une o discurso ao social, pois nele e por ele os interlocutores assumem determinados papéis.

A cenografia é a encenação que, ao desenvolver-se, instala seu próprio dispositivo de fala. Ou seja, no discurso, a cenografia se desenvolve para se legitimar e concretizar seu processo de inscrição no discurso, por meio de um enunciador e um co-enunciador, um *ethos*, um código linguageiro, uma topografia e uma cronografia. Esses elementos, de certo, sustentam a cenografia, à medida que emergem no discurso como os mais apropriados para aquele evento comunicativo. Temos, então, o que Maingueneau (2013; p. 98) chama de *enlçamento paradoxal*, ou seja, o que é dito legitima o modo de dizer e vice-versa.

O sermão, em análise, é tomado como uma prática discursiva, está necessariamente contextualizado e, segundo Maingueneau (2001), inserido em uma cronologia e em uma topografia que possibilitam ao leitor associar a cena englobante, a cena genérica e a cenografia. A cena englobante do discurso selecionado é do tipo religioso, na medida em que operacionaliza o interdiscurso teológico e destaca em sua organização o comportamento humano em relação a Deus, princípio e fim. Isso revela que, no funcionamento discursivo, há marcas e mecanismos, que indiciam interlocutores, espaços e tempos da enunciação, bem como posicionamentos que são de responsabilidade do enunciador e da instituição a que ele filia. O interdiscurso, revelado pelo discurso constituinte teológico, retirado de João 20, 1-9, confirma-nos o quadro cênico do discurso. O tema do discurso - **a vida vencendo a morte** - recupera o acontecimento do Cristo ressuscitado relatado por João, mobiliza o evento pascal, que é compartilhado na enunciação pelas instâncias que interagem no ritual, formando, por conseguinte, uma memória coletiva em torno da páscoa.

Embora pareça que a cena englobante defina o tema do discurso, o que, de fato, o define são as peculiaridades das formações discursivas impostas pelo sujeito no tratamento do tema e os procedimentos que ele realiza para se comunicar na cenografia. É bom esclarecer, também, que, a condição de estabelecer uma tipologia para esse discurso, não significa que a cena englobante sozinha seja suficiente para lê-

lo. Desse modo, faz-se necessário identificar, no processo de leitura, a cena genérica, os papéis assumidos pelo sacerdote e pelos fieis, na enunciação, e considerar a condição de ritualização, quando da apreensão da cenografia. Ainda que o gênero de discurso sermão seja uma forma de enunciar já conhecida nos meios culturais e religiosos pelas funções que o viabiliza é a cenografia que o leitor coloca em primeiro plano. Por isso, com base em Maingueneau, asseguramos que é a cenografia que torna possível ao leitor sua conduta no processo de negociação de efeitos de sentido no discurso.

Observamos, ainda, no funcionamento discursivo que o sacerdote, sujeito da enunciação, no sermão, encena uma dupla cenografia: uma decorrente do ritual onde circulam ele próprio, o enunciador e os coenunciadores, e outra cenografia decorrente de um evento social, marcado por fatores sociais e religiosos reveladores do cotidiano dos participantes da missa. Para esclarecer melhor a importância do ritual sobre o enunciador e a cenografia, lembramos Foucault (2003, p 39), quando afirma que:

O ritual define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam [...]; define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso; fixa, enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirigem os limites de seu valor de coerção.

Desse modo, pelo ritual, o enunciador projeta uma cenografia em que há uma manifestação de um evento espiritual e outra em que é construído um evento secular. Neste sentido, espiritual e temporal se impõem coercitivamente na enunciação e criam duas encenações paradoxalmente complementares, que instauram um ato de leitura a ser lançado sobre o sermão. Os efeitos de sentido possíveis produzidos neste discurso dependem de um processo de negociação que advém também do posicionamento enunciativo do leitor.

Assim, para os objetivos deste artigo, é importante reafirmar que esse discurso religioso se constitui na condição de ritualizado e define-se na relação entre Deus e o homem, que, no/pelo ritual, atualiza pelo interdiscurso a manifestação terrena/humana da transcendência. Ora, no ritual, quebra-se a assimetria entre o sagrado e o profano, entre o espiritual e o temporal, fazendo com que o sacerdote assuma a ordem do divino, que se atualiza no humano. Por isso, é pressuposto fundamental para a leitura do

sermão a vinculação extraordinária entre Deus e o sacerdote, ou seja, Deus se presentifica no sacerdote. Em vista disso, a missa, o *locus* onde o discurso é enunciado, é a presentificação do sacrifício de Jesus no Calvário. Não é repetição e nem multiplicação desse acontecimento; é a sua renovação/atualização. Trata-se, então, de considerar a encenação discursiva como a representação de um lugar construído a partir da morte e vida de Jesus, onde a vida se redefine por relações interdiscursivas pautadas pelo ritual.

Isto posto, no recorte (1) *Hoje celebramos a FESTA DA VIDA... O túmulo está vazio... Cristo está vivo para sempre*, o enunciador inicia o discurso, criando uma cenografia, onde presentifica e reatualiza o evento pascal, quebrando a temporalidade, no mesmo instante em que se eterniza a espacialidade. Como o homem sacraliza tudo, movido pela fé, a missa surge como um *locus*, onde ele reconstrói pela interdiscursividade o acontecimento da ressurreição. E, como tudo ali é sagrado, desde a ambiência, a existência dos co-enunciadores e tudo a seu redor, o enunciador institui uma cenografia em que convida os co-enunciadores, representados simbolicamente por Maria Madalena, Pedro e João a professarem a fé no ressuscitado e a reconstruir um novo sentido para a vida, conforme depreendemos no recorte (2): *Como Madalena, Pedro e João, nós professamos a fé no Senhor ressuscitado. No Evangelho, seguidores de Cristo procuram o Ressuscitado e são convidados a manifestar a sua fé nele*. Neste recorte, opera-se ainda um apelo à memória social, na medida em que a cenografia se reatualiza, com base em uma cena validada, já instalada na memória coletiva, conforme Maingueneau, 2002, num evento ocorrido no tempo passado em que Maria Madalena, Pedro e João eram participantes do evento original, de acordo com o interdiscurso reinvestido por captação em João, 20, 1-9. Por isso, essa memória recobre a esfera do ritual e incide sobre a organização da cenografia o que nos leva a identificar a comunhão entre o divino e o humano, entre o real e o simbólico, entre o que está na memória e o que se faz presente no discurso.

Pondo em funcionamento uma estratégia didática, o enunciador recorre a um movimento narrativo para identificar os sujeitos que transitam no interdiscurso, indicando a atitude que eles manifestam ao encontrarem o sepulcro vazio, espaço onde deveria estar Jesus. Além disso, o enunciador movimenta, na cenografia, uma instância absoluta, um hiperenunciador, que legitima e dá veracidade e credibilidade de seu

discurso. Esta condição faz com que esse hiperenunciador preencha a cenografia e possibilite a presença cênica de seguidores de Jesus. Essa atitude do hiperenunciador confere ao sermão um enquadramento simbólico, configurando uma topografia em que a manifestação de Maria Madalena, Pedro e João pode levar os co-enunciadores a se identificarem com eles e aderirem a uma ou outra de suas atitudes de fé, conforme retomamos nos recortes a seguir. Maria Madalena, Pedro e João cada um de uma maneira e segundo sua disposição interior tem em comum pressa para encontrar Jesus.

Retomamos agora o recorte (3) Maria Madalena, no "*primeiro dia da semana*" (ou de um novo tempo), ainda "*no escuro*" procura no túmulo o Cristo morto. Diante do túmulo vazio, pensa que haviam roubado o corpo do Senhor. Mas quando ela o encontra, a fé desponta em seu coração. * Ela representa a nova comunidade, que inicialmente acredita que a morte triunfou e vai procurar Jesus morto no sepulcro. Diante do sepulcro vazio, percebe que a morte não venceu e que Jesus continua vivo.

Neste recorte, é possível observar que, no domingo de manhã, Maria Madalena, a discípula mais dedicada a Jesus, acostumada a andar pelo jardim onde Ele havia sido sepultado, fora surpreendida pelo túmulo vazio. Este aspecto narrativo da cenografia, embora legitime, valide e traduza a narrativa do evento bíblico, traz à memória uma mulher afetuosa, que assume no discurso teológico e no funcionamento do discurso religioso uma atitude de fé no Cristo vivo, capaz de suscitar efeitos de credibilidade decorrentes da interdiscursividade e da ritualização. Neste sentido, Maria Madalena, nesta nova encenação, é reatualizada pelo enunciador do sermão para convidar os co-enunciadores a lembrarem da figura de Jesus vivo e em sua plenitude. Maria Madalena, certa de que o túmulo estava vazio, questiona-se a si e sua fé para confirmá-la e corre para lembrar os sujeitos Pedro e João. Os enunciados que organizam a cenografia evocam, na memória discursiva, o interdiscurso teológico e, por ele, reatualizam/recriam, no sermão, o mito do jardim do Éden, denotando uma dimensão criativa da leitura discursiva. O jardim em que Maria Madalena constatara o sepulcro vazio expande o processo de leitura e possibilita-nos transcender a racionalidade humana e relacionar esta narrativa com a história primordial de Adão e Eva em que Madalena é identificada pecadora como Eva, mas Maria como a Virgem.

Além disso, de um lado, Maria Madalena encerra a certeza da ressurreição de Jesus e, de outro, Pedro mostra lentidão em crer na páscoa de Jesus, conforme

encenado no recorte (4) - *Pedro, para quem a morte significava fracasso, recusava aceitar que a vida nova passasse pela humilhação da cruz. Para ele a Ressurreição de Jesus era uma hipótese absurda e sem sentido. Com surpresa, ele viu o túmulo vazio e os panos dobrados... Mas continuou "no escuro": "Viu e não creu". * Ele representa o discípulo que tem dificuldade em aceitar que a vida nova passe pela humilhação da cruz.*

Chamado por Maria Madalena, Pedro, o chefe dos apóstolos, vai até o jardim onde se encontrava o sepulcro de Jesus, examina-o cuidadosamente, mas demorou a acreditar que ele estivesse vazio. Os fatos postos em cena ganham condição de realidade e de acontecimento real, pois que o enunciador, para validar o sermão, evoca a voz a um hiperenunciador, identifica-se com ele e mobiliza a cenografia. Da mesma forma que Maria Madalena, assim Pedro e João são construídos no sermão como sujeitos reais, criando nos co-enunciadores um efeito de verdade sobre a narrativa que integra a cena enunciativa. Assim, como uma atividade discursiva, as relações entre Maria Madalena, Pedro e o discípulo que Jesus amava legitimam a enunciação, ao mesmo tempo suas atitudes particulares garantem não somente a pertinência do interdiscurso teológico, mas também o reatualiza na cenografia do sermão, reivindicando dos co-enunciadores uma adesão particular e comunitária do que se vive no ritual.

No entanto, a referência ao discípulo que Jesus amava no interdiscurso e a omissão de seu nome (João) expressa uma relação de alteridade que esse sujeito assume na cenografia. Neste sentido, João, o escritor do texto do evangelho, interpelado como sujeito, mostra-se como se somente ele pudesse ser vislumbrado, a partir do olhar de Jesus, com o qual estabelece ainda uma unidade na cenografia, conforme lemos no recorte seguinte:

Recorte (5) - *"O Discípulo que Jesus amava" (João), diante do sepulcro vazio, compreende os sinais e percebe que a morte não pôs fim à vida. Descobre que Jesus está vivo. Por isso, ele "viu e acreditou". É a primeira profissão de fé na Ressurreição. * Ele representa o "discípulo ideal", que está em sintonia total com Jesus. É o paradigma do homem novo recriado por Jesus. O "Amor" conduz o discípulo pelo itinerário da fé... * Por que não tem nome? Para que cada um de nós possa incluir o seu nome e compreender o que deve fazer para ser como Jesus quer. - E nós conseguimos ver apenas os sinais de morte como Pedro, ou sabemos descobrir os sinais da Ressurreição?*

Assim, a cenografia é invadida por mais um sujeito que transitou no espaço enunciativo do evento bíblico. Cria-se um jogo de cenas entre o que se desenrola no discurso teológico e no sermão, discurso religioso: o discípulo amado aproximou-se do sepulcro e viu que Jesus não estava mais lá e acreditou. No entanto, ele, assim como Pedro, ainda não tinha compreendido totalmente o evento da ressurreição; por isso, mostra-se um sujeito crente, embora se interroge sobre a legitimidade daquele acontecimento. Contudo, em seguida, reflete e acredita; tudo lhe faz sentido e possibilita-lhe a compreensão daquele acontecimento. Para João a esperança não está morta.

Por informações guardadas na memória, o enunciador recorre a outros interdiscursos, dentro do posicionamento específico ali abordado e integra na cenografia do sermão em análise, as mulheres e os guardas, alinhando-os aos sujeitos enunciados no interdiscurso, de forma abrangente, a fim de atualizar e incluir todos os co-enunciadores no evento pascal e produzir novos gestos de leitura, conforme está apresentado nos recortes (5) *As Mulheres: abandonam depressa o lugar da morte e correm para anunciar aos irmãos que Cristo está vivo* e (6) *- Os Guardas: deixam-se corromper pelo dinheiro. Simbolizam os que, por amor aos bens desse mundo, preferem mais a mentira do que a Verdade, mais a morte do que a Vida.*

Essa atitude do enunciador organiza uma cenografia que joga com o divino e o humano, com o imaginário e o real, com o crente e o não-crente, dissolvendo a dicotomia entre a narrativa encenada e a realidade representada. Neste sentido, na designação dos seguidores de Jesus, o enunciador procura envolver os co-enunciadores, ligando-os necessariamente ao objetivo do discurso: páscoa é o Cristo ressuscitado, vivo.

Os recortes seguintes não têm um caráter conclusivo, mas exortativo, como em (7) *PÁSCOA: É o maior acontecimento celebrado pela Igreja, na Liturgia. - Mas a Páscoa não é apenas um FATO PASSADO... Cada festa Pascal é um novo apelo de Deus, que nos convida a morrermos com Cristo, a nos separarmos do homem velho do pecado, a fim de nos revestirmos do homem novo e ressurgir para uma vida nova na graça e na santidade. A Páscoa não é apenas UM DIA DO ANO... É um processo permanente que deve acontecer dentro de nós. Todos os dias o cristão celebra a Páscoa, quando combate o homem velho do pecado, para se revestir do homem novo, em Cristo. E no recorte (8)*

TODO DOMINGO, revivendo os mistérios pascais na Eucaristia, deve ser um momento forte dessa Páscoa, que parece não ter fim...

Obviamente, esses enunciados refletem sobre o acontecimento encenado no evento bíblico e transportam para o sermão a realidade social, principalmente se considerarmos algumas marcas do código linguageiro. O enunciador joga com enunciados da própria cenografia para argumentar que a páscoa não é um fato passado. Embora ela se reatualize constantemente no ritual, ela se constitui como um apelo de Deus, para que os co-enunciadores morram, mas ressuscitem com Jesus. A amplitude dos efeitos de sentido resultantes do imbricamento da cena validada, da interdiscursividade, dos elementos do quadro cênico e da ritualização age sobre os co-enunciadores, exortando-os a entender a páscoa como um evento enunciativo sem fim e que deve ser revivido todos os dias.

No recorte (9) *Prezado irmão, desejo-lhe uma FELIZ PÁSCOA... não é a de um Cristo morto, perdido no passado, mas sim de um Cristo vivo, glorioso, atual, que faz vibrar o seu coração e dar um sentido novo ao seu viver.*

Seguindo a esteira do deslocamento ritualístico, o enunciador é motivado a saudar os co-enunciadores como irmãos. Tal item lexical deve ser ampliado na produção de leitura, pois carrega um conteúdo semântico e um conteúdo ideológico decorrentes de um processo sociointerativo e outro religioso legitimados pela ritualização. Ao tratar o co-enunciador como irmão, o enunciador aproxima-se dele e provoca, na cenografia, uma condição de igualdade, construída a partir de um saber partilhado e compartilhado no ritual. Neste momento, cria-se uma situação enunciativa de internalização, que firma o tema do discurso, que se define como um argumento de credibilidade, ancorado em um modo de ser social e religioso de viver a páscoa. Do que antecede, ressaltamos, ainda, que o léxico irmão, uma das dimensões da semântica global, condensa um sentido próprio, porque supõe uma relação com Deus, que é Pai e estabelece o outro como irmão. Esse jogo de relações implica que se leve em conta que o Outro, o Pai, gera também os outros, que irmanados se associam a Ele e a Jesus ressuscitado. E nessa perspectiva, o imbricamento dessa relação evidencia a sacralização de tal unidade-diversidade no contexto do ritual.

O recorte (10) *Que assim seja!...* encerra o sermão. Ao enunciar *assim seja*, por meio desse enunciado, o enunciador atualiza o já dito anteriormente no interdiscurso e

no sermão, ativa a memória discursiva de seus coenunciadores e exorta-os a legitimar o evento da páscoa como ato enunciativo de fé. Como todo discurso é uma ação sobre o outro e isso se dá também com o discurso religioso. O enunciador, neste recorte, visa à adesão dos co-enunciadores, conscientizando-os de uma nova maneira de viver a páscoa. Desse modo, o enunciador argumenta sobre a verdade enunciada na cenografia, conduz um processo de adesão em que os efeitos de sentido negociados entre ele e co-enunciadores se unificam. Além disso, o teológico e o religioso dialogam e garantem unidade ao discurso e, conseqüentemente, estabilizam um acordo tácito, referendado no/pelo enunciado *assim seja*, celebrado e firmado no sermão. Entendemos, portanto, que o que foi enunciado no evento bíblico e o dito no sermão se sustentam reciprocamente como verdade e instauram um crer-dever-fazer.

Por fim, torna-se evidente que a prática da leitura discursiva se distancia de uma perspectiva da Hermenêutica Clássica e da Exegese Bíblica. Na perspectiva que assumimos aqui, enfatizamos o discurso, o sujeito, o interdiscurso e a cenografia. Essas noções foram relevantes em nosso processo de leitura, que se fundou na Linguística, mas particularmente, na Análise do Discurso de linha francesa, na abordagem de Maingueneau. É bom lembrar que esta perspectiva de leitura rompe a estabilidade do texto teológico e, conseqüentemente, possibilita diferentes efeitos de sentido acordados no texto religioso, que estão inscritos e podem ser apreendidos por diferentes formações discursivas.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **O enigma da religião**. Papirus Campinas, 1984.
- CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.
- DELL'ISOLLA, R. **Retextualização em gêneros escritos**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. 4ª.ed. São Paulo: Perspectiva, 1994.
- _____. **O Sagrado e o Profano: A essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2003.

MAINGUENEAU, Dominique. Analisando discursos constituintes. Trad. Nelson Barros da Costa. In: *Revista do Gelne*. Volume 2, número 2, 2000.

----- . **Análise de textos de comunicação**. Trad. Cecília P. Souza-e-Silva e Décio Rocha. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

----- . **Gênese dos discursos**. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Da Fala para a Escrita**: Atividades de Retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.

NASCIMENTO, Jarbas Vargas. O discurso teológico como discurso constituinte. In: NASCIMENTO, Jarbas Vargas & FERREIRA, Anderson. **Discursos Constituintes**. São Paulo: Blucher, 2020.

NASCIMENTO, Jarbas Vargas et alii. **A Parábola do filho Pródigo**. São Paulo: LPB, 2009.

ORLANDI, Eni P. **A linguagem e seu funcionamento**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

PAPA PAULO VI. **Evangelii Nuntiandi**. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi_po.html> Acesso em: 02 set. 2017.

POSTER, Mark. **The mode of information**. Chicago: The University of Chicago: Press, 1996.

----- . **A segunda era dos media**. Tradução Maria J. Taborda e Alexandra Figueiredo. Oeiras: Celta, 2000.